

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863-2013

Patrocinador oficial  
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 400 exemplares  
Depósito Legal: 366919/13  
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



# CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DE MONSARAZ – OS RESULTADOS DAS ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO REVELIM DE SÃO JOÃO

Maria Margarida Ataíde Nunes / Instituto de Arqueologia e Paleociências – FCSH – Universidade Nova de Lisboa / margarida.ataide@gmail.com

## RESUMO

Apresenta-se o resultado do trabalho de sondagem e escavação arqueológica efectuado em 1996. Foram postas a descoberto estruturas arqueológicas habitacionais até então desconhecidas e identificou-se o sistema construtivo. Embora o muro que integra a fachada da hoje Ermida de São João Baptista (conhecida como Cuba) possa ter pertencido a construção anterior, o corpo que forma um cubo pertence, muito provavelmente, ao século XVI. Nesta data foram construídas no mundo rural alentejano ermidas análogas.

Este trabalho permitiu ainda a identificação de pinturas murais existentes nas estruturas arqueológicas escavadas e no interior daquela Ermida, já referidas por Túlio Espanca. Foi possível traçar a origem e evolução da «Cuba», de forma a contribuir para o conhecimento de mais uma peça fundamental da história de Monsaraz.

## ABSTRACT

The results of the survey work and archaeological excavation, which were carried out in 1996, are presented. Archaeological housing structures that were unknown until then were discovered and the building system was identified. Although the wall that incorporates the façade of today's Chapel of St. John the Baptist (known as Cuba) may have belonged to a previous construction, the body that forms the cube belongs most probably to the sixteenth century. Similar hermitages were constructed in rural Alentejo in the same period.

This work also allowed the identification of existing wall paintings in the archaeological structures excavated and inside the Chapel, referred by TulioEspanca. It was possible to trace the origin and evolution of “Cuba” in order to contribute to the knowledge of another fundamental piece of the history of Monsaraz.

O Revelim de São João integra-se na estrutura fortificada seiscentista que envolve a vila medieval de Monsaraz (concelho de Reguengos de Monsaraz, distrito de Évora) (Fig. 1). Situa-se em relação a esta a NNE, e sobreposto ao caminho que ligava a porta principal desta vila fronteiriça (através de caminhos calcetados) à Capela de Santa Catarina e às nascentes extramuros que abasteciam Monsaraz. As coordenadas de um ponto central deste arqueossítio são SW 659 644 (C.M.P., Monsaraz, esc.: 1:25.000, S.C.E., 1968) (Fig. 2).

As visitas ao local anteriores à intervenção permitiram verificar a existência de vestígios arqueológicos no interior do revelim, desconhecidos até então, constituídos por um fragmento de calçada de xisto

disposto em cutelo, visível num dos três principais derrubes que a muralha exterior do Revelim de São João apresentava.

Os trabalhos de sondagem estrutural, de patologias e arqueológica (autorizados pelo IPPAR – Proc.º n.º 2.10.011 Loc 8, of.º ref.º 713/96, de 23.05.1996), incluindo a Ermida de São João Baptista e o Revelim de São João, foram coordenados pelo Professor Doutor Arquitecto João Rosado Correia e dirigidos pela autora.

A Ermida de São João Baptista, conhecida como «Cuba Árabe», situada na vila medieval de Monsaraz, foi referida por José Pires Gonçalves (1961, p. 74-75) como uma «antiga capela muçulmana purificada pelos cristãos da reconquista e depois adaptada ao

*culto da religião pregada por Jesus*», e considerada de tradição templária. A passagem pela Capela era obrigatória para aqueles que chegavam a Monsaraz pelo lado nascente, seguindo os caminhos ainda hoje visíveis, construídos em calçada tradicional de xisto em cutelo, e que se dirigiam de Santa Catarina para Monsaraz, passando por São Lázaro.

A ermida original está documentada desde 1320, tendo chegado a ser considerada «Igreja Matriz» quando da visitação eclesiástica de 1534 (Gonçalves, 1961, p. 75). Foi objecto de intervenção em 1622, com a aposição de pinturas a fresco ao edifício já existente. Túlio Espanca (1978, pp. 377-378) menciona-a igualmente, identificando-a como tendo curado próprio até 1524; a investigação documental e histórica a que procedeu atesta a destruição do primitivo templo de São João no séc. XVI devido à peste de 1569. As Memórias Paroquiais de 1758 (Gonçalves, 1961, p. 81; Espanca, 1978, p. 378), coligidas pelo padre António José Guião, prior da Igreja Matriz de Santa Maria da Lagoa, em Monsaraz, avançam a informação relativa ao arrasamento daquele edifício devido à peste. A transferência da mesma afirmação para a igreja matriz (Santa Maria da Lagoa) que, de facto, se reergueu de raiz a partir de 1560, pode ser considerada improvável. Túlio Espanca refere a «[...] *vasta necrópole rupestre admissivelmente de origens pré-romanas, que se prolongava pelo arrabalde de S. Bartolomeu [...]*» e sobre a qual aquele monumento se situaria; contradiz ainda José Pires Gonçalves no tocante às origens islâmicas medievais da Cuba, referindo a existência de exemplos de outras construções cristãs do século XVI. Segundo o autor, o presente templo teria substituído o medieval, de estilo gótico, no final do reinado do cardeal D. Henrique (1575-78) (Espanca, 1978, pp. 377-378).

## 1. O PAVIMENTO EXTERIOR E A ZONA DO TERRAPLENO DAS MURALHAS (AS ESTRUTURAS MEDIEVAIS)

### 1.1. As estruturas medievais

As estruturas descobertas durante a sondagem arqueológica no terraplano do revelim de São João certamente continuariam sob o Revelim da Alcoba (no sentido ascendente), o Revelim de São José e o Arrabalde, e encontravam-se anexas à Ermida de São João Baptista. Foi identificada uma calçada medieval, em xisto aplicado de cutelo. As estruturas mencionadas vêm atestar a antiguidade da ocupa-

ção urbana em Monsaraz; esta não se limitava ao espaço intramuros de Monsaraz, antes se estendia pela encosta em que aquela Ermida se implanta. A ocupação urbana organizava-se, assim, nos mesmos moldes reticulados que constituem o espaço intramuros daquela vila medieval.

Consideramos, por isso, ser absolutamente admissível que as estruturas encontradas no interior do revelim correspondam a dois tipos de ocupação: um (o mais antigo, datável através dos numismas dos séc. XIII-XIV) (Fig. 3), com um carácter mais rústico e aparelho construtivo menos cuidado, que terá sido aproveitado como zona de serviços ou armazenamento durante o período de ocupação da construção que lhe está anexa. Esta, de carácter civil, distingue-se das restantes construções existentes em Monsaraz – de tradição rural e um único piso – podendo atribuir-se a um proprietário de maiores capacidades económicas. É imputável, através dos numismas encontrados, aos séc. XIV a XVI. Está separada do pavimento exterior por um espaço murado, ao qual se acedia por um portão de grandes dimensões.

Os compartimentos 1 a 5 fazem parte desse edifício posterior (Fig. 4), facilmente detectável, sobretudo no que diz respeito à forma (e respectivas proporções, que aparentam ter sido projectadas por algum arquitecto militar ou mestre-de-obras de fortificações, pela erudição que não se encontra em construções rurais ou urbanas encontradas em Monsaraz) e à disposição em que se encontramos compartimentos.

Pelos dados provenientes da escavação arqueológica efectuada em 1996 (existência de degraus que conduziram a um piso superior, a entrada lateral, a janela que apresenta no exterior um tanque, assim como a calçada exterior mostrando um degrau calçetado e bem definido que conduz à entrada no compartimento principal) é possível afirmar que esta construção se enquadra numa tipologia que não tem muitos paralelos em Monsaraz, a saber, a de uma casa – possivelmente sobradada – com dois pisos, zona de serviços (cozinhas, cavalariças e zona de armazenamento) e capela privada envolvida por um pátio exterior vedado (Fig. 5).

A capela privada, correspondente ao compartimento 1 das estruturas encontradas no interior do Revelim de São João, mostrava ainda na parede persistente (orientada a NNE-SSW) três camadas de estuque pintado: uma inicial, em cal branca; a segunda com pinturas a ocre, que parecem datar

do séc. XIV (D. João I), e de que restava um rodapé pintado a vermelhão; finalmente, a última camada, presumível do final do séc. XVI, assemelha-se às pinturas existentes no interior da «Cuba», datadas de 1622 (Serrão, 2008). Os fragmentos de estuque provenientes da destruição deste compartimento preenchiem a totalidade do mesmo, misturando-se com tijolos argamassados, e encontravam-se espalhados pelo pavimento do átrio referido (Fig. 6).

Em época não determinada, mas que poderá atribuir-se ao séc. XVI, esta estrutura habitacional terá sido reutilizada (dadas as suas proporções arquitectónicas e dimensões pouco comuns, assim como a existência de capela privada, a que já aludimos), como edifício religioso. Para tal facto concorre a descoberta no compartimento 2, lateralmente à entrada, de uma janela, de cuja soleira, que media de vão 0,70 m de largura (extremidades laterais), saem duas tubagens, interrompidas, no seu término, pelo reforço posterior da estrutura exterior; essas condutas levariam provavelmente a água a um pequeno tanque existente no átrio a uma cota inferior e que poderia posteriormente ter conduzido a água sacralizada de uma pia baptismal no lado interior da sala (capela), num segundo período de ocupação.

Foi já anteriormente referido que se atribui a existência e destruição de um antigo templete de São João (causada pela peste de 1569) ao local ocupado pela Igreja Matriz de Monsaraz (Santa Maria da Lagoa). Refere-se ainda, documentalmente, que durante a construção da mesma Igreja Matriz, em inícios do séc. XVI, o título teria sido temporariamente atribuído a esse templete pela Visitação Eclesiástica de 1534 (Gonçalves, 1961, pp. 74-75).

Importa salientar que, se atendermos à designação da capela (São João Baptista) os rituais do baptismo reproduziam os descritos na liturgia: aquela figura bíblica baptizava os convertidos à fé cristã no rio Jordão, dando origem a que, primitivamente, esse acto ritual se realizasse no exterior dos templos.

Parece-nos que as dimensões dos muros ainda hoje visíveis no compartimento 2, embora inicialmente tenham correspondido a um espaço habitacional, associadas às dimensões das soleiras e a qualidade que apresentam; a janela e, sobretudo, o tanque exterior que poderia ter sido reutilizado como baptistério; a presença de vestígios de combustão ritual (provavelmente velas queimadas) nos degraus à entrada desta sala; a existência de numerosos fragmentos de pintura mural, a «falso fresco», desco-

bertos nos materiais resultantes das demolições que constituíam o enchimento do compartimento 1 (com semelhanças estéticas e estilísticas, e em termos de tratamento espacial, com as pinturas murais visíveis na actual Ermida de São João Baptista); e, finalmente, a disposição das duas salas contíguas (compartimentos 3 e 4), como se fossem capelas colaterais (funerárias ou mortuárias), nos levam à conclusão que os elementos acima mencionados comprovam a possibilidade de atribuição deste título ao espaço estrutural recém-descoberto.

Do mesmo modo, concorrem para a mesma conclusão a disposição da escada, conduzindo a um primeiro piso: este poderia ter sido utilizado em edifício habitacional como acesso a uma varanda pelo exterior (Fig. 7). A escada, em L, desemboca num átrio calçadado, com uma organização espacial diferente da calçada exterior, e apresenta, no canto formado pelo ângulo do L, um montículo de cal viva, sem dúvida com funções de desinfecção (hábito ancestral nas casas alentejanas, sobretudo em épocas de epidemia), se tivermos em conta que o período de ocupação plena desta estrutura é o da peste de 1569 (segunda metade do séc. XVI). Como edifício cultural, posterior – como já mencionámos supra – poderia ter mantido a mesma função, ou ter possibilitado o acesso a um coro alto improvisado.

Os sinais de combustão no interior dos compartimentos 3 e 4 e a caiação do pavimento do compartimento 2, bem como os montículos de cal viva visíveis nos cantos desta sala e da escada em L que referimos anteriormente, vêm demonstrar que foi este, num segundo momento, o primitivo templete de São João, demolido devido à falta de controlo provocada pela epidemia de peste de 1569: os frescos do compartimento 1 datam de finais do séc. XVI; este espaço teria funcionado não só como espaço mortuário, mas provavelmente também como local de depósito de moribundos e infectados com a terrível epidemia, levando à necessidade de desinfecção e desinfestação através do uso de fogo e cal viva.

Um outro factor que comprova esta destruição extremamente rápida é a presença das soleiras, ombreiras e padieiras das portas, todas ainda no interior das respectivas salas e em muito bom estado de conservação, embora fragmentadas. Só a ameaça de contaminação poderia afastar os habitantes de uma fonte de materiais construtivos recentes e em bom estado, aplicáveis em qualquer edifício novo ou em construção na época.

Por outro lado, a existência à época de uma população de c. 2 000 habitantes é incompatível com um espaço de dimensões tão reduzidas como as existentes na actual Ermida de São João Baptista, e esta nunca poderia ter funcionado como igreja matriz. A demolição do antigo templete levou à rápida necessidade de construção de um outro templo no mesmo local, para que o orago não se perdesse, tendo sido aproveitado o portal ou muro de separação do espaço funerário anexo, ao qual foram adossados os paramentos que constituem hoje a ermida. Este novo edifício religioso foi então alindado e decorado – o bom estado dos frescos vem demonstrar que as pinturas murais não teriam estado muito tempo sujeitas aos elementos ou à acção do tempo.

Os compartimentos 6 a 10 poderiam ter correspondido num primeiro momento a uma construção mais antiga (facto facilmente comprovável pelas cronologias fornecidas pelos numismas aí encontrados, dos reinados de D. Afonso III, D. Dinis e D. João I), que estava separada daqueles compartimentos por uma parede contínua, de dimensões mais grosseiras, interceptada de ambos os lados pelos reparos exterior e interior do Revelim.

A construção constituída pelos compartimentos a que aludimos supra é atribuível a um possível albergue para almocreves (a sua localização às portas da vila, na zona extramuros, de uma área que parece ter servido como área de serviços ou de armazenamento, e de arcos divididos por pelo menos uma coluna quadrangular assim o demonstram), muito corrente no período medieval (recordamos a descoberta de numismas correspondentes principalmente a reinados que vão dos séc. XII a XVI). Num segundo momento, quando da construção do edifício constituído pelos compartimentos 1 a 5 (incluindo capela privada, um compartimento de grandes dimensões – sala –, possibilitando o acesso a duas salas contíguas, assim como a existência de uma cavaliçã e de um espaço exterior vedado, em época posterior), esta zona teria sido utilizada como zona de armazenamento ou anexos.

O pavimento exterior, cuja autorização fora solicitada a D. Afonso V, é semelhante quer no interior do pátio vedado quer na calçada exterior às estruturas arquitectónicas encontradas no decurso da escavação arqueológica de 1996, construída em xisto colocado de cutelo e com guias de condução de águas pluviais, que teria tido ligação à calçada medieval (de que ainda existem vestígios) que conduz

às Ermidas de São Lázaro – a leprosaria medieval – e de Santa Catarina.

## 1.2. O espólio

O espólio estudado poderá servir de baliza cronológica às estruturas arquitectónicas encontradas. Na sua maioria constituído por peças cuja atribuição cronológica parece pertencer aos séc. XV, XVI e XVII, de uso doméstico e sem características especiais (a cerâmica comum encontrada nos compartimentos 8 e 10 reveste-se de carácter rústico) têm sem dúvida um limite cronológico: a construção das muralhas entre 1640 e 1646, selando o resultado das demolições utilizadas como terrapleno do Revelim de São João.

De facto, o conjunto do espólio cerâmico exumado é quase exclusivamente constituído por produções comuns, de origem local ou regional (relembramos a existência na envolvente de várias olarias, assim como do grande centro oleiro que sempre foi a Aldeia do Mato, designação medieval da actual São Pedro do Corval), com especial destaque para as peças de ir ao lume – panelas e frigideiras – que constituem uma percentagem elevada (um total de 22,62% dos artefactos recuperados), compatível com a gastronomia ainda hoje existente na região (ensopados e açordas tão característicos do Alentejo). À categoria da louça de cozinha pertencem igualmente os alguidares, as tigelas e as infusas ou cântaros.

As restantes categorias – louça de mesa e louça de armazenamento – estão também representadas através das taças e dos pratos (Fig. 8), no primeiro caso, e das bilhas e potes, no segundo. Do mesmo local provêm ainda fragmentos de talhas. Registamos aqui a sua existência, não contabilizada em termos de percentagem. Quanto à lamparina encontrada, era normalmente utilizada em diversas zonas habitacionais, não nos permitindo afirmar, apenas pela sua presença, que estaria relacionada com uma área específica da habitação posta a descoberto no Revelim de São João.

As únicas excepções encontradas fora do âmbito da cerâmica comum são os fragmentos, pouco expressivos, de faiança portuguesa. Embora as formas que descrevemos como taças sejam semelhantes a peças descritas por Mário e Rosa Varela Gomes (Gomes & Gomes, 1996, p. 158, 159, Fig. 14) como sendo datáveis dos séc. XV, XVI e XVII, o seu acabamento não é totalmente idêntico. De facto, tais peças, provenientes do poço-cisterna de Silves e denominadas

*malagueiras*, apresentam acabamento a esmalte, com estanho, de cor branca.

## 2. A ERMIDA DE S. JOÃO BAPTISTA

Se, por um lado, é apenas possível especular sobre a forma e tipologia real de uma habitação cujos restos foram encontrados nas escavações arqueológicas, sem que contudo saibamos, com certeza, se o restante aparelho construtivo que não sobreviveu ao período de construção das muralhas (Restauração da Monarquia no séc. XVII) seria efectivamente aquele que pensamos ter sido utilizado, não temos dúvidas que a ermida que lhe está próxima tem o seu período de construção bem datado.

De facto, a Ermida de São João Baptista é contemporânea de outros imóveis de carácter cultural do Alto Alentejo, do Baixo Alentejo, assim como de outros dos distritos de Coimbra e do Algarve (Alvor). Tais imóveis, dentro de uma política defendida pelo cardeal D. Henrique (Serrão, 2008), povoaram quase todo o território, segundo um modelo de planta centralizada, em alguns casos alterado em épocas posteriores com o adossamento e prolongamento do espaço ocupado, recorrendo a técnicas e materiais construtivos diferenciados.

No tocante à Ermida que nos ocupa, podemos concluir os seguintes aspectos: 1) só os cunhais NNE e ESE mostram aparelho de construção misto de xisto e granito trabalhado como reuso; 2) a irregularidade da tijoleira do arco abatido sobre a padieira de xisto leva a considerar que estamos em presença de um vão aberto em parede já existente, no alçado SO; 3) o arco de volta inteira interior encostado à parede SO (acesso principal) confirma que, não merecendo confiança a parede existente, foi construído um arcobotante com nascimento nas paredes de elevação NO e SE, sendo inteiramente visível o encosto deste arco à parede do acesso principal; 4) a parede fronteira SO é anterior à construção da ermida; 5) as pedras de granito aparelhadas (aparelho medieval de reuso) nos cunhais NNE e ESE foram aplicadas como reforço dos mesmos. A sua não aplicação nos cunhais NNO e SSO confirma a existência da parede SO (época anterior) com prolongamento para Oeste e para Sul, conforme se verifica no local; 6) o nicho interior e a sua base em xisto são de introdução posterior; 7) o nicho das galhetas e a pia introduzida, bem como o altar, são de construção adossada (correspondendo ao início de seiscentos em que a cape-

la foi orago e começou a substituir a demolida em 1569). Não é referida a entidade; 8) as paredes de elevação NO, NE e SE apresentam aparelho da mesma época; 9) a parede SO apresenta aparelho de época anterior; e, finalmente, 10) verifica-se o encastramento dos paramentos verticais no plano de acesso principal (original). O paramento NO encosta e o paramento SE encastra.

O edifício conhecido como «Cuba Árabe» (Ermida de São João Baptista) foi construído em época posterior à que lhe é geralmente atribuída, ou seja, ao período histórico de ocupação muçulmana de Monsaraz. Para esta conclusão contribuem as análises do aparelho e do sistema construtivos utilizados. Quase todo o edifício é do mesmo período de construção, exceptuando o alçado SO (alçado principal), ao qual os restantes paramentos estão adossados ou mesmo encastrados. Este facto não invalida, antes comprova, a existência de uma outra estrutura prévia, provavelmente o portal ou a fachada de um perímetro funerário. Por outro lado, a diferença de orientação do alçado principal pode estar intimamente relacionada com essa pré-existência. A utilização de peças reaproveitadas de outras construções de carácter românico atesta-o igualmente.

As alterações sofridas durante as campanhas de restauro da DGMN terão de ser tidas em conta, principalmente no que diz respeito à cobertura primitiva da ermida, originalmente de telha, como ainda hoje é visível em outros templos existentes dentro do perímetro fortificado de Monsaraz (Igrejas da Misericórdia, de Santiago e de Santa Maria da Lagoa), encimados por um pináculo que terá tido não apenas fins religiosos mas igualmente práticos, funcionando simultaneamente como respiradouro. No caso em estudo, tal não teria existido, uma vez que o espaço que se apresentaria vazio se encontra ocupado com a figura do Precursor.

No que concerne às pinturas murais, foi possível, após a intervenção, identificar tanto as figuras iconográficas como o nome do próprio autor (monograma na cartela, em duplicado, de um lado e outro da data de finalização da decoração interior do templo (Fig. 9) (Espanca, 1978, pp. 377-378; Serrão, 2008, p. 11). Foi identificado como José de Escobar, artista da escola de Évora, que fazia parceria com seu irmão, Pedro de Escobar, este igualmente autor das pinturas murais da Ermida de São Bento (em 1629, data posterior ao falecimento de José de Escobar, constituindo, assim, um trabalho atribuível aos

seus discípulos). A qualidade estética de ambos os trabalhos, e as semelhanças visíveis na composição dos quadros e representação das figuras e nos pigmentos utilizados levam a essa primeira conclusão. Deste modo, é possível identificar a Ermida de São João Baptista como sendo uma construção de finais do séc. XVI e inícios do séc. XVII, em substituição de um outro edifício destruído por uma razão que estaria ainda hoje por descobrir, não fossem as sondagens arqueológicas efectuadas.

### 3. O ADRO DA ERMIDA E AS NECRÓPOLES

A análise efectuada ao espaço envolvente da Ermida leva-nos à conclusão de que existem várias fases de ocupação funerária de um mesmo espaço, a saber:

- O núcleo de 9 sepulturas existente na zona lateral da ermida, com orientação distinta de todas as outras sepulturas visíveis, poderia corresponder a um primeiro momento de ocupação, este sim islâmico. As características funerárias e a cultura religiosa que os sepultados professariam (Torres & Macias, 1996, pp. 32-35) não são identificáveis, devido ao estado de degradação do substrato rochoso e consequente desagregação do xisto e ainda na ausência de intervenção arqueológica que as comprove;
- A sepultura existente junto ao alçado SE da ermida seria provavelmente de feição templária: a atestá-lo, a estela discóide que apresenta a cruz dos Templários (Fig. 10);
- As sepulturas visíveis sob a calçada afonsina descoberta no terraplano do Revelim apresentam uma orientação e uma forma compatíveis com as estruturas encontradas, mas mostram diferenças apreciáveis de qualquer um dos outros núcleos. São de feitura medieval, sem dúvida contemporâneas das estruturas, que remontam aos reinados de D. Afonso III, D. Dinis e D. João I, com predominância deste último;
- Por fim, as sepulturas existentes no espaço fronteiro da ermida, orientadas segundo a direcção que o alçado principal apresenta, pertencem certamente ao período de abandono/destruição das estruturas, enquanto esse espaço era utilizado como local funerário, ainda antes do início do uso da ermida como espaço sacralizado e religioso. Isto é, correspondem a meados do séc. XV: estão sob a calçada afonsina, que se encontra interrompida pelo reparo interior do revelim.

De qualquer forma, é de simples dedução que tanto o pavimento fronteiro à Ermida de São João Baptista como o que se encontra sob o terraplano, emergindo do contraforte, confirmam a sua pré-existência em relação ao período cronológico da Restauração.

Pensamos ter sido possível, com o presente trabalho, traçar a origem e evolução da «Cuba», de forma a contribuir para o conhecimento de mais uma peça fundamental da história de Monsaraz.

### BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1986) – História da Arte em Portugal. O Românico, vol. III, Lisboa: Publicações Alfa.

GONÇALVES, José Pires (1961) – Monsaraz e seu Termo (Ensaio Monográfico). *Boletim da Junta Distrital de Évora*, nº 2.

ESPANCA, Túlio (1978) – Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Évora, vol. I. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes.

GOMES, Mário Varela (1992) – Necrópole de S. Bartolomeu. Relatório da Campanha de Escavações de 1992, relatório enviado ao IPPAR, Lisboa.

GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela (1996) – Cerâmicas vidradas e esmaltadas, dos séculos XIV a XVI, do poço-cisterna de Silves. In *Silves nos Descobrimientos*. Silves: Museu Municipal de Arqueologia e Câmara Municipal de Silves (Xelb; 3), pp. 143-205.

SERRÃO, Vítor (2008) – As Pinturas Murais da Capela de São João Baptista em Monsaraz (1622). Programa Artístico e Iconológico e Fixação de Autoria. Reguengos de Monsaraz: Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz.

Serviços Cartográficos do Exército Português (1968) – Carta Militar de Portugal (Monsaraz: n.º 474), Edição 2, Lisboa.

TORRES, Cláudio; MACIAS, Santiago (1996) – Rituais Funerários paleocristãos e islâmicos nas necrópoles de Mérida. In Mattoso, José, dir. – *O Reino dos Mortos na Idade Média Peninsular*. Lisboa.

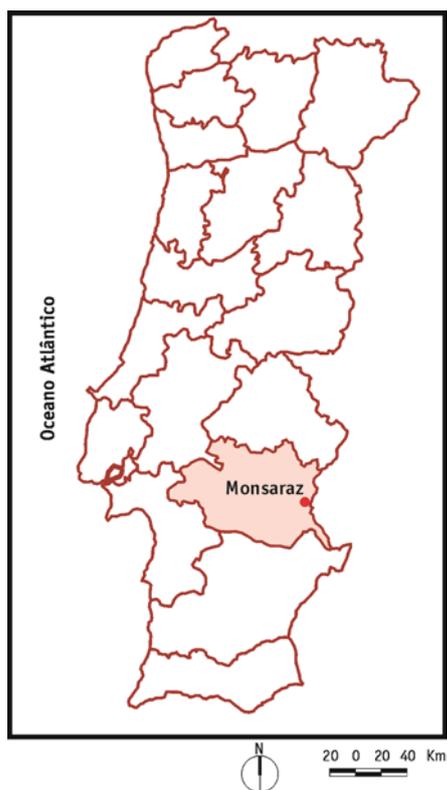


Figura 1 – Mapa de Portugal mostrando a localização de Monsaraz (extraído de <http://www.geocid.pt>; <http://www.geosapo.pt>).

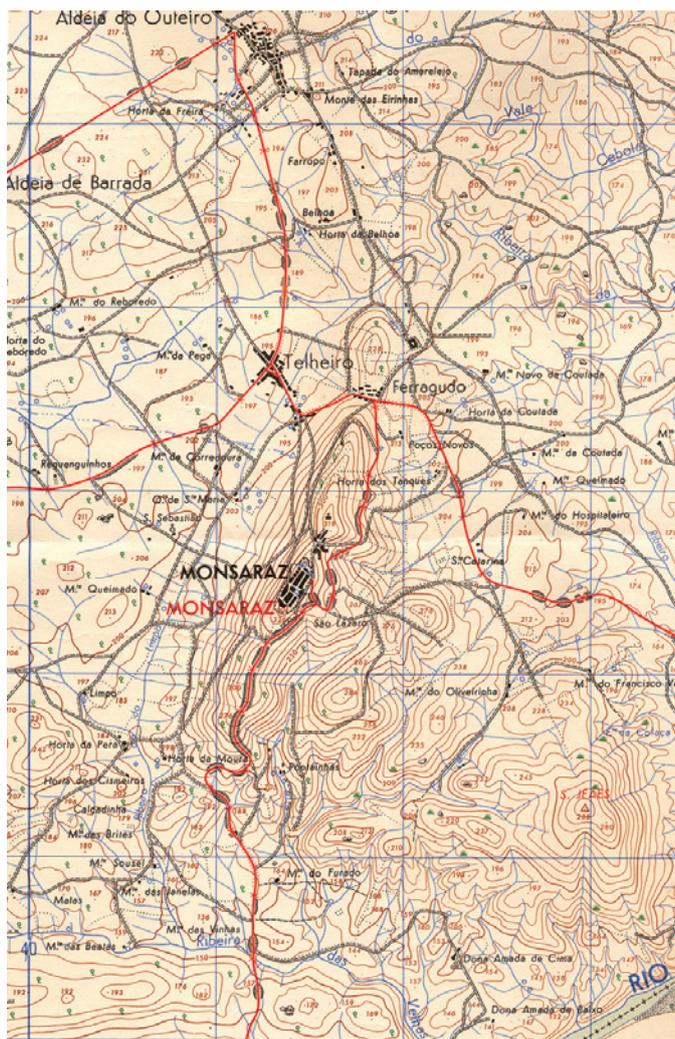


Figura 2 – Monsaraz, Carta Militar de Portugal nº 474. Serviços Cartográficos do Exército, 1968.



Figura 3 – Real de 3 1/2 libras, de bolhão (CA/RSJ/III-S1/Q96-1) – Cunhado no reinado de D. João I (1385-1433). Ana Machado.





Figura 6 – Compartimento 1: fragmentos de estuque pintado a falso fresco. É visível a qualidade das representações iconográficas. Margarida Ataíde

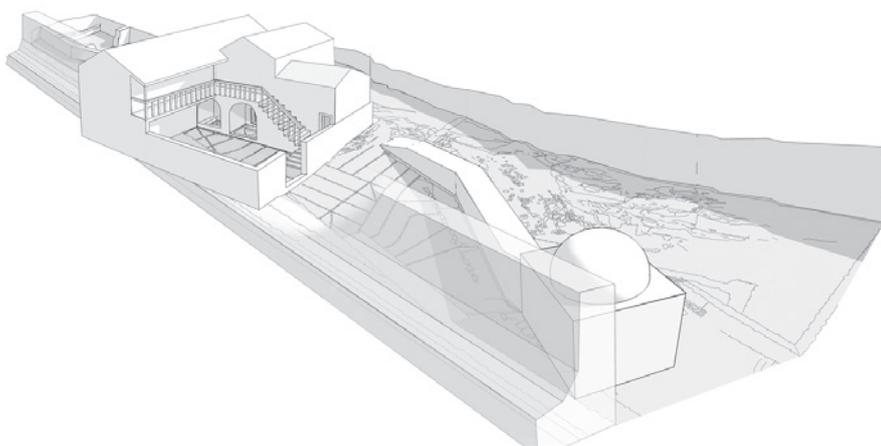


Figura 7 – Reconstituição das estruturas descobertas no interior do Revelim de São João, apresentando a muralha (transparente). © Margarida Ataíde e Luís Teixeira.

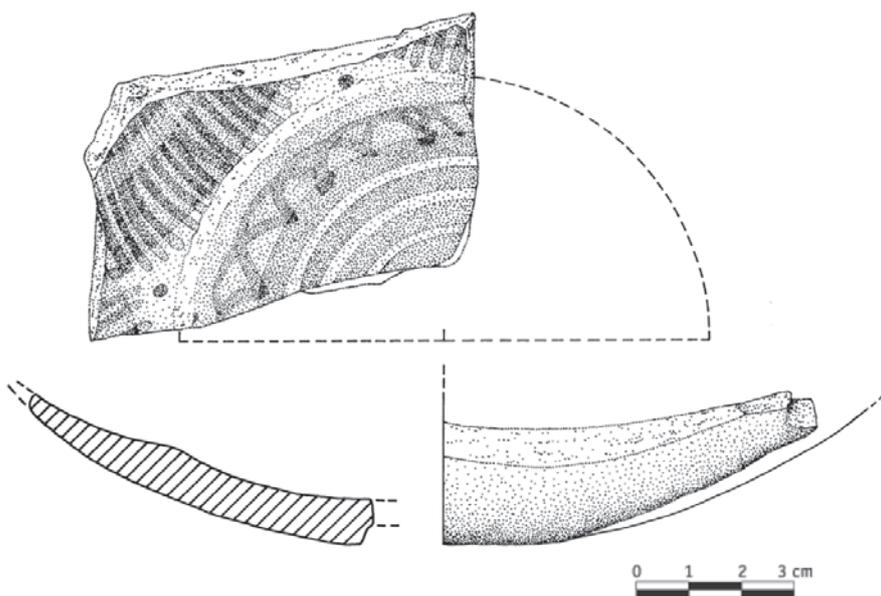


Figura 8 – Louça esmaltada – Prato (CA/RSJ/III-S8/83) – Fragmento correspondendo a porção do corpo e fundo. Ana Machado.



Figura 9 – Data de 1622 – Emoldurada, encontra-se por cima da fresta, e apresenta de ambos os lados, monograma do autor. Margarida Ataíde.

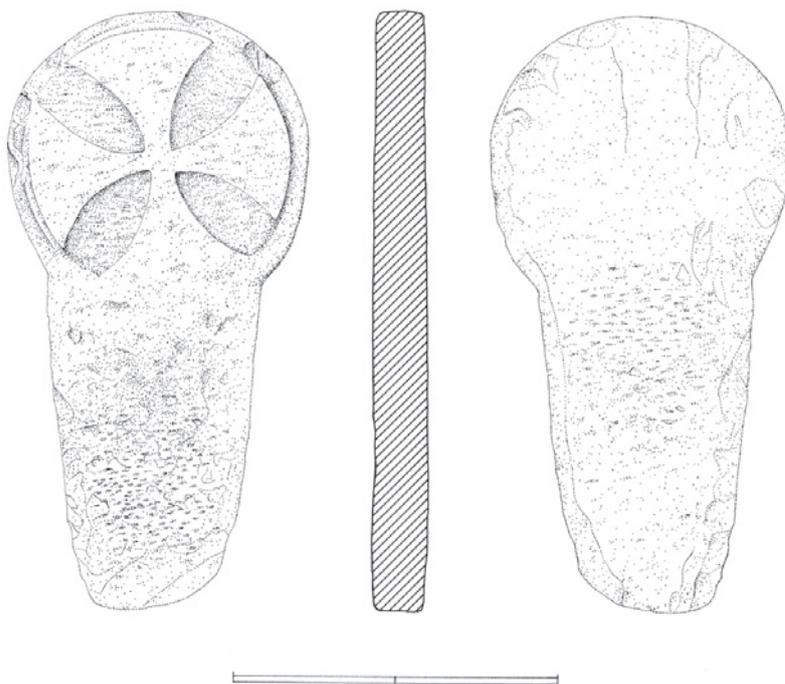
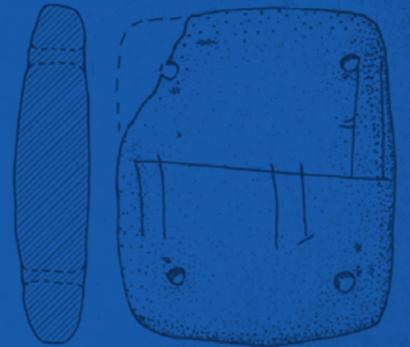
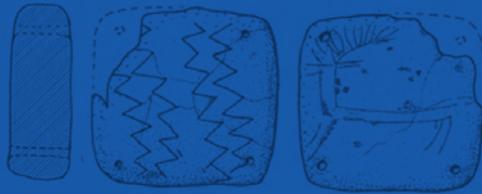
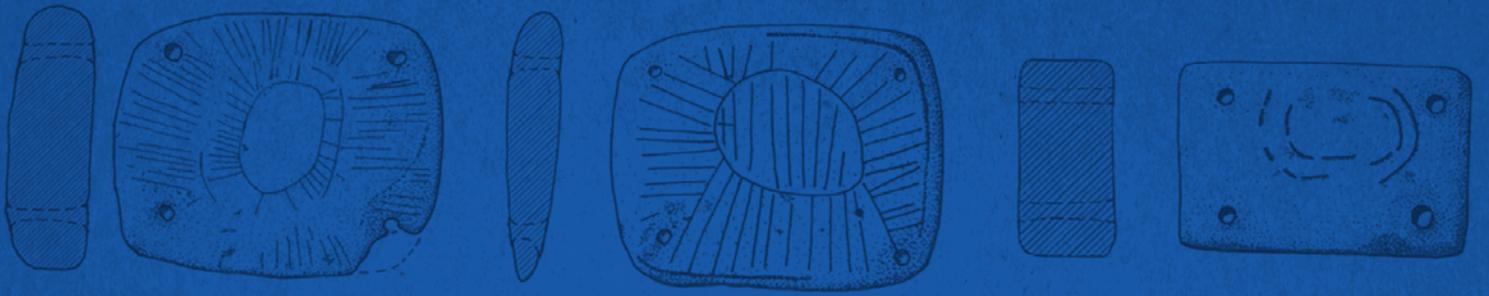
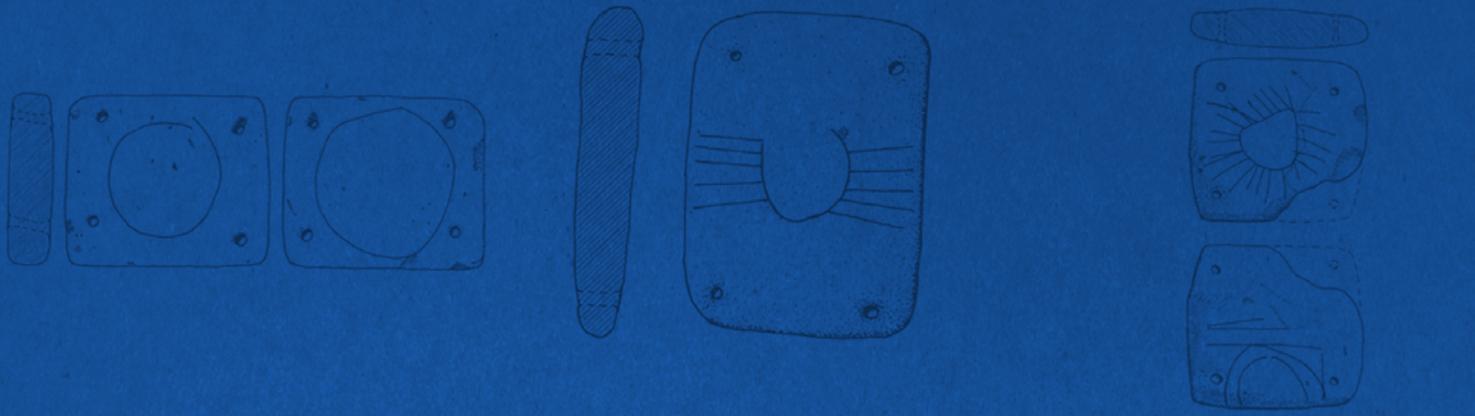


Figura 10 – Estela discóide (CA/RSJ/I/Q54-1) – Monumento talhado em calcário, de cor amarelada. O anverso mostra, na extremidade distal em falso relevo, uma cruz grega, com os lados dos braços e as extremidades curvilíneas, cortada em bisel e integrada em cartela gravada. O reverso exhibe face lisa. Ambas as faces apresentam sinais de boiardagem, mostrando zonas fracturadas. Ana Machado.

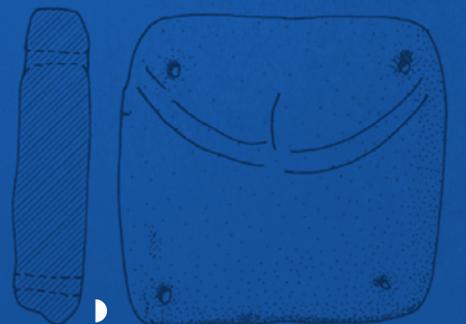


**AAP**  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

Patrocinador oficial



Apoyo institucional



FUNDAÇÃO  
**Millennium**  
bcp

**BNP**  
BIBLIOTECA  
NACIONAL  
DE PORTUGAL

 GOVERNO DE  
PORTUGAL

  
Parques de Sintra  
Monte da Lua